



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13751 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

(EMPRES)TECER A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A ESTÉTICA DE POÉTICAS NEGRAS COMO GUIA

Greice Duarte de Brito Silva - UFF - Universidade Federal Fluminense

(EMPRES)TECER A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A ESTÉTICA DE POÉTICAS NEGRAS COMO GUIA

Resumo: Analisar a contribuição das poéticas de artistas negras para a Educação Infantil foi o objetivo principal da pesquisa realizada no Doutorado em Educação, que procurou por uma estética capaz de (empres)tecer a docência com crianças pequenas, aliando uma pedagogia sensível e de linguagens poéticas às iniciativas de reconhecimento das artes e culturas negras. Sob o cenário pandêmico, a pesquisa utilizou ferramentas digitais para a produção dos dados, tendo realizado cinco encontros-ateliês narrativos com seis professoras autodeclaradas negras. Como um aquilombamento, os encontros-ateliês realizados *on line*, abriram um campo dialógico fértil, com interlocutoras que apontavam marcas da relação ancestral, artística, cultural, africana, popular e negra. As dimensões estruturantes da escuta, premissa da proposta, reafirmaram que a ampliação do diálogo pode nos conduzir a novas situações pedagógicas, comprometidas com perspectivas participativas e antirracistas. No horizonte de uma sociedade justa, defende-se a tese de que as poéticas negras são propulsoras da criação de novos pensamentos e nos inspiram na educação das crianças. Seja na adoção de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade étnico-racial, seja na promoção de atitude empática comprometida com a criação de uma autoimagem positiva desde a educação infantil. Ter poéticas negras como guia contribui para (empres)tecer outras docências.

Palavras-chave: Poéticas Negras; Docência na Educação Infantil; ERER; Empres-tecer; Educação Estética.

Mais do que nunca, conclama-se um olhar cuidadoso à vida nas creches, como ação contrária ao negacionismo, ao racismo, ao feminicídio, disseminados nos últimos anos. No rumo oposto à violência dos ataques ocorridos em espaços de Educação pelo Brasil, este tempo inescrutável exige de nós, pesquisadoras, mais do que nunca, atenção sobre as relações entre adultos e crianças, em especial aquelas bordadas pelas vivências da negritude.

Este trabalho destaca-se neste sentido. Faz parte da pesquisa realizada no Doutorado em Educação, que tecendo seu próprio texto-tecido, assumiu a valorização de múltiplas existências na tessitura da docência. Voltando os sentidos para professoras negras que asseguram a educação infantil na cidade de Niterói-RJ, realizou-se com mulheres pelo desejo de aproximação aquelas que muitas vezes passam despercebidas nas creches. Aquelas que sustentam econômica, afetiva e moralmente suas famílias, desempenhando o papel mais importante, como repetidamente afirmou Lélia Gonzalez (2018). Também pela crença de que relatos biográficos, entrelaçados às poéticas de artistas negras, sob a perspectiva da formação estética, podem tensionar a formação e a prática de professores na Educação Infantil, deslocando seus tons, empretecendo-as.

Assim, a pesquisa considerou a curiosidade em conhecer as referências negras que resistem entre professoras e as referências às suas escolhas pedagógicas no trabalho educativo com crianças. Aprofundou-se em tons mais escuros, perseguindo uma prática educativo-progressiva onde o protagonismo destacado é negro. Foram existências e estéticas negras que fizeram emergir questões como: a formação docente pode contribuir para a educação das relações étnico-raciais (ERER) na educação infantil, considerando a dimensão estética?

Sabe-se que as unidades educacionais têm a responsabilidade social e educativa de compreender a complexidade da identidade negra, respeitá-la e lidar positivamente com a mesma. Na abordagem educativa sobre as diferenças étnicas, a ação docente é fundamental. Uma vez que a construção de novas formas de sociabilidade e de subjetividade perpassa a composição dos currículos e dos projetos pedagógicos com temática racial e por outros componentes, como planejamento escolar, materiais didáticos, espaços, brinquedos, imagens, e vocabulário (CAVALLEIRO, 2010). Essas escolhas têm relação direta com as reflexões docentes, oriundas da formação inicial e/ou continuada, ligam-se aos seus questionamentos sobre a prática e ainda às referências advindas de suas experiências sociais e culturais.

Neste contexto, as contribuições da professora Lucimar Dias (2007) merecem destaque. Em sua tese, ela considera que cinco pressupostos pedagógicos foram evidenciados a partir da análise de práticas de professoras com vistas à promoção da igualdade racial. Em sua aposta: O trabalho com o tema deve ser contínuo e fazer parte do dia a dia; Exige coragem do educador e essa deve ser estimulada; Deve pautar-se pela ludicidade; 4. Deve procurar construir a ideia de diferença como algo positivo; 5. Deve oferecer às crianças elementos que colaborem na construção de sua identidade racial de modo positivo, já que essa identidade é construída por ela, não podendo ser imposta. Os pontos destacados revelam-se

como eixos imprescindíveis para educar considerando a diferença étnica, contribuindo, especialmente, na direção de práticas que se conectam ao outro, desencadeando outras atitudes com as crianças no cotidiano educativo, fundadas na escuta sensível.

Ainda que tenhamos estudos e legislação que sinalizem avanços e ofereçam apoio à prática docente, o desconhecimento de documentos decisivos, como as DCNEI (BRASIL, 2009), a negação de problemas raciais nas creches e escolas, bem como a falta de escuta das crianças, para a criação de pedagogias de combate ao racismo, dizem as pesquisas, permanecem (ARAÚJO; DIAS, 2019; MARQUES; DORNELLES, 2019; MOTTA; DE PAULA, 2019). A partir, e para além, dos diagnósticos e denúncias, o presente trabalho foi tecido com os olhos na necessidade de uma educação infantil que contemple a diversidade étnico-racial, comprometida com a valorização da identidade, da cultura e da história da população negra e, assim, em íntima relação com os princípios éticos, políticos e estéticos referenciados em poéticas negras, pretende contribuir para se pensar/fazer formação e prática docente.

De modo específico, no interesse desta investigação, apresenta-se o papel de professoras e professores da Educação Infantil, no que tange à sensibilidade, visto a necessidade de uma escuta ativa das experiências das crianças. Considera-se, pois, essenciais ações de formação e pesquisa com professores em exercício na Educação Básica, tendo como foco a dimensão estética, onde saberes sensíveis sejam mobilizados, potencializando a imaginação e o poder de criação docente. Neste sentido, entende-se estética como atitude sensível e necessidade vital, uma ligação do ser por inteiro e ampliação de suas relações com o outro. Diz respeito aos percursos, aos processos marcados por relações de estranhamentos e reconhecimento de similaridades, em que formamo-nos esteticamente. Entende-se que ativar essa dimensão, acionar *Aisthesis*, provoca uma forte relação com a busca por outra forma de existir.

Na leitura proposta pelo pesquisador colombiano Albán Achinte (2017), vemos que o evento de colonização das Américas trouxe implicações ontológicas, epistêmicas e também estéticas. Implicações que operam na ordem das representações através de imagens construídas e, de forma preponderante, na concepção de beleza, de puro e de dignamente possível, tornando a branquidão como fundamental à existência. Assim, para além da manifestação do belo, a conceituação de estética é tecida como capacidade criativa e expressiva dos indivíduos e coletivos humanos que constroem regimes de representação. Isso inclui, no nosso caso, o potencial de criação e expressão de afrodescendentes, de modo a romper com a cromática de poder estabelecida, que se transforma e sofisticada ao longo do

tempo em um sistema de exclusão.

Os povos originários, no contexto dos estudos do referido autor, não apenas tem resistido. Pela criatividade, eles tem re-existido. Em suas palavras:

Es importante considerar que tanto los pueblos indígenas como los pueblos africanos esclavizados, no solamente resistieron al poder dominante, sino, que por el contrario desarrollaron formas altamente creativas para continuar inventandose la existencia incluso por fuera de los marcos legales, pero también jugando con el sistema establecido. Tanto en el pasado como en el presente estos pueblos y comunidades mantienen y desarrollan esas formas de existencia cotidianamente, a este acto lo he denominado re-existencia. (ALBÁN ACHINTE, 2017, p. 20).

Propõe-se, assim, educar abrindo-se a uma perspectiva que promova a criação e a formação de subjetividades que desobedeçam os princípios do discurso filosófico-estético, tendo por base outras existências. O que leva-nos, enquanto educadoras responsáveis, ao reconhecimento da presença e produção negra nos diferentes campos da expressão intelectual, artística e cultural, constituída pela África que constitui o Brasil. Valoriza as linguagens e enunciações vibrantes em cada negrodescendente. Essas são poéticas negras de que fala este trabalho: são expressões dos saberes, fazeres, modos de ser e dizer, formas de criar e expressar significado, de anunciar e de denunciar condições vividas, de tecer re-existências com as marcas culturais da ancestralidade.

Por isso, no coração da pesquisa, encontramos as artes visuais de Rosana Paulino, as escrevivências de Conceição Evaristo, as cirandas de Lia de Itamaracá, dentre outras que incorporam culturas negras. São o cerne da investigação tecida pelas veredas de uma metodologia errante (OSTETTO, 2019) que, sob o doloroso cenário pandêmico, utilizou ferramentas digitais para a produção de dados: a) formulário online, pelo qual uma consulta a professores e professoras da Educação Infantil da rede pública do município de Niterói/RJ permitiu delinear um mapa dos hábitos culturais, com o conhecimento de artistas, espaços e/ou manifestações culturais relacionadas às tradições africanas, afro-brasileiras e/ou cenários socioculturais do negro no Brasil; b) cinco encontros-ateliês narrativos, via comunicação por vídeo, com seis professoras autodeclaradas negras, que dentre as respondentes, aceitaram o convite à interlocução.

A pesquisa trouxe sugestões das artes, tanto do passado quanto contemporâneas. Essas sugestões se concretizaram em novos tipos de relação. Permitiram olhar a bagagem que levam as professoras – saberes, valores e energias, que dão forma à identidade num diálogo com seus contextos. Contudo, se é de acordo com o que professores e professoras conhecem que

as escolhas pedagógicas são feitas, a investigação indica ser necessário empreender mais esforços na ampliação e diversificação das referências negras que compõem repertórios docentes.

A proposição de encontros-ateliês, articulando a tradição oral africana (BÁ, 1982) às abordagens (auto)biográficas (JOSSO, 2002), materializou-se como território de encontro para conversas-reflexões-rememorações-narrativas docentes, mobilizadas pela articulação entre fruição artística e processos expressivos. Unir mulheres negras da Educação Infantil, ainda que por vídeo, promoveu um aquilombamento. Permitiu a partilha de histórias e memórias, com suas dores e belezas, transversa ao encontro com a/na Arte e Cultura Negras, expandindo-se em um campo formativo de re-existência. O ato de compartilhar poéticas negras mostrou-se importante para um fazer/fazer-se libertário. As narrativas docentes enunciadas nos/a partir dos encontros, evidenciaram tempos, territórios, figuras de ligação, vivências culturais, objetos biográficos das docentes e princípios estruturantes de discursos pedagógicos. Revelaram, também, como uma escuta sensível, que considera princípios éticos, políticos e estéticos, pode conduzir a novas situações pedagógicas, ampliando o trabalho com EREER na Educação Infantil.

A estética se nutre de empatia, da relação intensa com as coisas, por isso torna-se oportuno aproximar crianças e adultos ao caráter plural, vivo e dinâmico do termo cultura, especialmente através de experiências sensíveis da/na Arte e Cultura Negras, inclusive com alusões ao sagrado afro-brasileiro. No território de Niterói, com suas várias contradições sociais e as tensões políticas envolvendo discursos discriminatórios, torna-se ainda mais importante a promoção dos direitos civis, a emancipação material e a valorização do patrimônio cultural a partir de ações afirmativas no sentido apontado.

Uma vez que as poéticas negras são propulsoras da criação de novos pensamentos, inspiradora da educação das crianças, tendo em vista a construção de uma sociedade justa e equânime, o trabalho com EREER na Educação infantil deve considerar a escuta sensível e conectada às experiências de crianças e adultos. Os saberes e fazeres oriundos da vida, envolvidos por referências artístico-culturais não-hegemônicas, favorecem a articulação pedagógica comprometida com perspectivas participativas e antirracistas. Assim, reafirma-se que a experiência estética suscitada pelo contato com poéticas negras, como processo cotidiano, contribui ao (empre)tecer a docência com crianças pequenas, acolhendo as diferenças, com dignidade e confiança, mesmo em condições críticas.

REFERÊNCIAS

- ALBÁN ACHINTE, Adolfo. **Prácticas creativas de re-existencia basadas en lugar: más allá del arte... el mundo de lo sensible**. 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2017.
- ARAÚJO, Débora C.; DIAS, Lucimar. Vozes de Crianças Pretas em Pesquisas e na Literatura: esperar é o verbo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, 2019.
- BÂ, Amadou Hampatê. **A tradição viva**. História geral da África, v. 1, p. 167-212, 1982.
- BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica. Brasília: MEC/SECAD, 2004.
- BRASIL. Parecer CNE/CEB no 20/2009, a qual fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, SEB, 2009.
- CAVALLEIRO, E. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo:Contexto, 2010.
- DIAS, Lucimar Rosa. No fio do horizonte: educadoras da primeira infância e o combate ao racismo. **Tese (Doutorado em Educação)** - Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2007.
- GONZALEZ, Lélia. Primavera para as rosas negras. **Lélia Gonzalez em primeira pessoa...** Rio de Janeiro. Editora Filhos da África. 2018.
- JOSSO, M-Christine. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Editora Educação/Formação/Universidade de Lisboa, 2002.
- MARQUES, C. M.; DORNELLES, L. V. O mito da ausência de preconceito racial na educação infantil no Brasil. **Revista Portuguesa De Educação**, 32(1), p. 91–107. 2019.
- MOTTA, F.; DE PAULA, C. Questões Raciais para Crianças: resistência e denúncia do não dito. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, 2019.
- OSTETTO, Luciana E. A pesquisa tecida em círculos: ensaios de metodologia errante In: GUEDES, Adriane. O.; RIBEIRO,Tiago. (Org.). **Pesquisa, alteridade e experiência-metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro: Ayu, 2019.